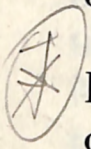


No fim. No fim falarás de novo. Sim, eu me lembro. Aquele era eu. Aquele era eu, naquela época.

 ESTÁS SÓ no jardim. Tua mãe está na cozinha, aprontando o chá que vai tomar com a sra. Coote. Preparando fatias de pão com manteiga, finas como hóstias. Atrás de uma moita, vês a sra. Coote chegar. Uma mulherzinha magra e mal-humorada. Tua mãe responde-lhe, dizendo, Ele está brincando no jardim. Sobes até quase o alto de um grande pinheiro. Ficas um pouco ali, atento a todos os sons. Depois te atiras. Os grandes galhos amortecem tua queda. As agulhas. Ficas um pouco deitado, o rosto contra o chão. Depois sobes outra vez na árvore. Tua mãe responde novamente à sra. Coote, dizendo, Ele tem sido um menino muito mau.

COM A POUCA sensibilidade que lhe resta, como se sente ele agora, em

comparação com aquela época? Quando, com o pouco discernimento que lhe restava, julgara seu estado terminal. Mais vale perguntar o que sentia naquela época em relação àquela época, comparada como antes. Quando ainda se movia, ou se demorava nos restos de luz. Assim como naquela época não havia aquela época, não há nenhuma agora.

EM OUTRA escuridão ou na mesma, um outro, criando tudo pela companhia. Isso, à primeira vista, parece claro. Mas, à medida em que os olhos se detêm, vai ficando obscuro. Na verdade, quanto mais os olhos se detêm, mais obscuro fica. Até que os olhos se fecham e, livre da observação atenta, a mente indaga, Que significa isso? Que, afinal, significa isso, que parecia claro à primeira vista? Até que a mente também dá a impressão de se fechar. Como se fecharia a janela de um quarto es-